

OS VERBOS NO IMPERATIVO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MONTEVIDINHA, OESTE DA BAHIA

THE IMPERATIVE VERBS IN THE AFRO-BRAZILIAN COMMUNITY OF MONTEVIDINHA, WEST BAHIA

Lanuza Lima SANTOS¹

Caroline Santos MUNIZ²

Isis Juliana Figueiredo de BARROS³

RESUMO: Este artigo tem por objetivo descrever a realização do modo imperativo, expresso nas variantes da forma associada ao indicativo (*pega, faz, vem*) e forma associada ao subjuntivo (*pegue, faça, venha*) na comunidade rural de Montevidinha-Bahia, localizada no Oeste baiano. O *corpus* de pesquisa foi extraído do projeto “Os Falares Baianos do Além São Francisco” (UFBA). O estudo parte da concepção linguística e da fundamentação teórica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). Os dados levantados apresentaram um comportamento particular, com emprego categórico das formas indicativas. Tal resultado pode sugerir a aproximação com o padrão já apontado para regiões rurais da Bahia (SANTOS, 2022) ou estar relacionado ao efeito do contato dialetal, uma vez que a comunidade, devido à sua localização, apresenta uma estrita influência do estado fronteiriço, Goiás. Considerações mais substanciais, no entanto, prescindem de ampliação do estudo com a coleta de uma amostra mais produtiva do fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Imperativo. Sociolinguística. Montevidinha. Modo indicativo.

ABSTRACT: This paper aims to describe the usage of imperative moods, specifically the indicative forms (*pega, faz, vem*) and the subjunctive forms (*pegue, faça, venha*), in the Montevidinha African community located in western Bahia. The research data used in this study were obtained from the corpus collected by the Falares do além do Francisco Project (UFBA). This study adopts Variationist Sociolinguistics perspective (LABOV, 2008 [1972]). The collected data exhibited a distinct behavior characterized by the categorical usage of indicative forms. The obtained result may indicate a similarity with the pattern previously identified in rural areas of Bahia (SANTOS, 2022) or be attributed to the influence of dialectal contact, given the community's location in close proximity to the border State of Goiás. Nevertheless, more comprehensive insights can be gained by expanding the study and collecting a more representative sample of the phenomenon.

KEYWORDS: Imperative. Sociolinguistics. Montevidinha. Indicative mood.

1. Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Docente do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia, Brasil. E-mail: lanuzalima@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3500-9158>.

2. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: carolinesantosmuniz9@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3681-3260>.

3. Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Docente e pesquisadora na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil. E-mail: prof.isis.barros@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9663-7249>.

Introdução

Este estudo, assentado na concepção linguística e metodológica da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]); LABOV, 2008 [1972]), compreende uma análise descritiva do modo imperativo no português rural da comunidade de Montevidinha, localizada no oeste da Bahia, a cerca de 850 km da capital baiana. Do domínio da teoria sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]), o modo imperativo é visto como um fenômeno evidentemente variável no Português Brasileiro (PB) (FARACO, 1985; JESUS, 2006; SCHERRE, 2007), cujas formas derivam da mesma morfologia empregada no modo indicativo (*olha, pega, faz, vem etc.*), conforme exemplo em (1a) e no modo subjuntivo (*olhe, pegue, faça, venha etc.*), conforme exemplo em (1b). É uma variação principalmente de carácter regional, que não estão associadas a estigmas linguísticos (SCHERRE, 2007; ALVES, 2010; SANTOS, 2016; SOUZA, 2019, e outros).

- (1)
- a. *Pega* o livro que eu quero!
 - b. *Pegue* o livro que eu quero!

Neste trabalho, buscamos identificar o padrão imperativo predominante na região do oeste-baiano, a comunidade de Montevidinha. Nossa escolha parte da carência de estudos sobre os usos linguísticos nesta região do Estado, isto é, a margem esquerda do rio São Francisco, bem como da tentativa de ampliar o conhecimento sobre o tema.

Vale pontuar, ainda, que a localidade se constitui uma comunidade quilombola, compondo o que Lucchesi (2009, p. 32) designou português afro-brasileiro:

O português afro-brasileiro designa aqui uma variedade constituída pelos padrões de comportamento linguístico de comunidades rurais compostas em sua maioria por descendentes diretos de escravos africanos que se fixaram em localidades remotas do interior do país, praticando até os dias de hoje a agricultura de subsistência. Muitas dessas comunidades têm a sua origem em antigos quilombos de escravos foragidos e ainda se conservam em um grau relativamente alto de isolamento.

Compreendemos que esse aspecto pode ser um ponto profícuo para o estudo sobre o imperativo no dialeto baiano, uma vez que, conforme aponta Santos (2016, 2022), variedades do português afro-brasileiro revelaram a prevalência do imperativo associado ao indicativo, distanciando-se das variedades faladas nos maiores centros urbanos do estado, nas quais predominam as formas subjuntivas, como Salvador (SAMPAIO, 2001; OLIVEIRA, 2017) e Feira de Santana (FIGUEIREDO, 2023).

Pomos em relevo, como justificativa para a escolha do *corpus*, que a comunidade de Montevidinha localiza-se numa zona que mantém relações comerciais com o estado de Goiás, onde Scherre (2004) observou a predominância do imperativo associado ao indicativo em con-

texto do pronome *você*. Assim, observar as realizações linguísticas da comunidade de fala em foco é também uma forma de evidenciar outras possíveis influências que demarcam a dialeção dos falares baianos e sua diversidade, uma vez que o estado da Bahia é fronteiro a oito estados brasileiros (Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Piauí, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás e Tocantins), além do oceano Atlântico.

As questões que orientam este estudo buscam, portanto, mapear e descrever o comportamento do modo imperativo na comunidade quilombola de Montevidinha, oeste do estado baiano, ampliando, assim, o escopo de compreensão da dialeção do português brasileiro, bem como identificar o encaixamento do fenômeno frente às demais variedades do português baiano já estudadas.

O modo imperativo no português brasileiro

O modo imperativo é empregado na língua portuguesa para a expressão de *ordem, pedido, instrução*, conforme (2).

(2)

- a. *Fica* minha fia! (MTV- 11)
- b. *ô bota* uma aí pra mim. (MTV-09)
- c. Não, moço, você *pega* o toicinho (MTV-10)

Do ponto de vista morfossintático, o imperativo no PB pode ser derivado dos modos verbais indicativo e subjuntivo, os quais se alternam para expressar a atitude do falante conforme o contexto discursivo e as formas pronominais empregadas. Os estudos pioneiros sobre o tema demonstram o emprego do imperativo em duas configurações distintas nas línguas: *imperativo verdadeiro* e *imperativo supletivo*. Mais especificamente, o imperativo verdadeiro no Português Europeu (PE) é analisado como aquele que apresenta morfologia e sintaxe distintas de outros modos verbais (3a-b), e é sensível quanto à: i) realização clítica dos pronomes, com colocação enclítica para os imperativos (3c); ii) negação sentencial, restrita apenas às formas supletivas (3d). A contraparte supletiva não possui morfologia própria, uma vez que sempre está associada a outros modos verbais. (SCHERRE *et al.*, 2007; CARDOSO, 2009; FERREIRA JÚNIOR, 2011).

(3)

- a. *Diz* tudo o que sabes sobre o assunto! (imperativo verdadeiro)
- b. *Dizes* tudo (modo indicativo)
- c. *Deixa-me* descansar! (imperativo verdadeiro - ênclise)
- d. Não *canta*/cantes* (imperativo supletivo)

(SCHERRE *et al.*, 2007, p. 203)

Estudos sociolinguísticos, como os de Ferreira Júnior (2011) e de Scherre *et al.* (2007) concluem que no PB o imperativo se comporta parcialmente como o PE, uma vez que a realização das formas do imperativo verdadeiro e do supletivo é insensível à polaridade da sentença, se negativa ou afirmativa, assim como ocorre nos dados de Montevidinha, exemplificados em (4).

(4)

- a. *vai* com Deus (sentença afirmativa) (MTV-07)
- b. num *vai* não meu filho (sentença negativa) (MTV-09)

Sobre a negação sentencial observada nos exemplos em (4), Scherre *et al.* (2007) afirmam que as estratégias de negação (negação pré-verbal, negação pós-verbal e dupla negação) não se restringem à variação do imperativo no PB, podendo ocorrer com as formas indicativas ou subjuntivas do imperativo. Além disso, o imperativo no PB também não se realiza com a forma enclítica dos pronomes, como o exemplo (3c), haja vista ser a próclise uma forma já generalizada no PB (GALVES, 1996).

Embora não seja um fenômeno que se destaque do ponto de vista da marcação social, a variação do imperativo é importante para a delimitação das isoglossas brasileiras, uma vez que o emprego das variantes associadas ao indicativo ou ao subjuntivo costuma caracterizar diferenças regionais do país. Os diversos estudos no âmbito da Sociolinguística sobre o fenômeno no Brasil revelam que há uma oposição demarcada por regiões. Assim, as regiões Sul e Centro-Oeste costumam ser apontadas como regiões de predomínio das formas indicativas, conforme exemplo (5) da cidade Goiás (região intermediária de Goiânia), enquanto os estados da região Nordeste são tratados pela maioria dos estudos como espaços de predomínio das formas subjuntivas (SCHERRE, 2007; SCHERRE *et al.*, 2007; CARDOSO, 2006, 2009; FERREIRA JÚNIOR, 2011; FAVARO, 2013, 2016; OLIVEIRA, 2017; CARVALHO, 2020), conforme o exemplo (6) da capital baiana, Salvador.

(5)

- a. “Não *entra* não, é perigoso”.
- b. “Cê *pega* as coisas de boldo, *espreme* e *toma*”.

(REIS, 2022, p. 79, *corpus* ALINGO)

(6)

- a. não *saia* pa rua! (ITA-07)
- b. Bob, *desça* daí (SUB-07)

(SANTOS, 2016, p. 137, *corpus* Vertentes)

Os exemplos retirados de Reis (2022) demonstram que o uso concreto do imperativo na fala dos goianos distancia-se do comportamento do que se assume por imperativo verdadeiro no PE (SCHERRE *et al.*, 2007), já que é possível a realização de imperativo associado ao indicativo entre dois advérbios de negação, em (5a). Sobre o exemplo em (5b), Reis (2022) chama atenção

para o uso do pronome de segunda pessoa “você” na presença do imperativo verdadeiro (*pega, espreme, toma*), tendo em vista que esta realização vai na contramão da prescrição gramatical (CUNHA; CINTRA 1985; MATEUS *et al.*, 2003) de que injunções marcadas por “você” estariam associadas ao imperativo supletivo (subjuntivo). A presença do “você” na presença de imperativos na região do Centro-oeste do País é previsível diante dos resultados de Scherre (2007), que indica: a) cerca de 95% das ocorrências na fala espontânea em Brasília (SCHERRE *et al.*, 1998 *apud* SCHERRE, 2007); b) uso categórico na fala espontânea do município de Goianésia, a 180 km de Brasília (FERREIRA ALVES, 2001 *apud* SCHERRE, 2007); além da c) alta frequência de 94% na fala espontânea de Campo Grande/MS.

Ainda sobre o emprego do imperativo diante dos pronomes de segunda pessoa, “tu” e “você”, Scherre (2004) argumenta que os traços de [+ distanciamiento] podem influenciar na escolha do imperativo associado ao indicativo com o uso de do pronome “tu” em contexto menos formal e mais íntimo ([-distanciamiento]), e o emprego do imperativo associado ao subjuntivo, com pronome “você” com maior frequência em contexto mais formal e menos íntimo ([+distanciamiento]). Embora essa explicação esteja coerente com a realidade diatópica de alguns estudos, no que compete às discussões da variação do imperativo no PB, de maneira geral, a escolha do tipo de pronome parece não possuir uma relação evidente com a forma de imperativo escolhida pelo falante, conforme apontam Jesus (2006) e Paredes *et al.* (2000), não apresentando restrições de uso quanto aos traços [+distanciamiento]. Esse fato linguístico levou Paredes *et al.* (2000) e Scherre (2012) a definirem o imperativo no PB como *imperativo abasileirado*, derivado de indicativo, motivado pelo uso do pronome *você*, sem restrições em relação ao traço [+distanciamiento], posição do clítico ou negação, cenário provável da comunidade de fala em investigação neste artigo, uma vez que os dados de imperativo associado ao indicativo em Montevidinha (cf. 4) não se encaixam no padrão de imperativo verdadeiro no PE, como exemplificado em (3).

No estado da Bahia, em particular, observa-se uma realidade linguística específica e diferente do que encontramos na região do Centro-oeste do Brasil. Sob esse viés analítico, Oliveira (2017), acerca da expressão do imperativo verbal em *corpus* constituído pelas capitais da Região Nordeste, apresenta um resultado que desfavorece o imperativo na forma do indicativo. Em Salvador, por exemplo, a autora observou um percentual de 76% dos dados favorecendo a forma do imperativo no subjuntivo. O estudo realizado por Santos (2016, 2022) demonstrou que o desenho da variação do modo imperativo distingue-se ao longo de todo o estado. Segundo a autora, se, na capital, predomina a forma associada ao subjuntivo, no interior do estado da Bahia a forma do imperativo apresenta um padrão predominante da morfologia de indicativo, a saber: enquanto o imperativo associado ao subjuntivo ocorre com frequência de 21,1% nas comunidades da zona rural da Bahia, a frequência na capital é de 74,3%. O percentual apresentado pela autora demonstra um movimento inversamente proporcional do subjuntivo em relação à urbanização, isto é, quanto mais urbanizada for a comunidade de fala, maior é a frequência do uso do imperativo associado ao modo subjuntivo no estado baiano.

Resultados semelhantes observados por Souza (2019) atestam que os falantes de Feira de Santana - Bahia, considerada uma cidade-sede do Sertão Baiano, segunda maior da Bahia, tendem a usar mais a variante do subjuntivo, com percentual de 77%. No que tange a essa localidade, Figueiredo (2023) desenvolve um estudo de produção e de percepção que evidencia o favorecimento da forma do imperativo no subjuntivo, no entanto o percentual é de 53%. O fenômeno do imperativo na Bahia também é verificado em gêneros escritos por alguns estudiosos. Alves (2010), em um estudo em revistas em quadrinhos cujos personagens apresentam identidade territorial do Sertão baiano, demonstrou que a forma imperativa derivada de indicativo é empregada em 71% das ocorrências na revista “Xaxado” de Jacobina, que se situa a 227 km de distância de Feira de Santana e a 340 km de Salvador. Ao contrário, o autor constatou 76% das ocorrências do imperativo derivado do subjuntivo na revista “Fala, menino” de Salvador. Esse resultado confirma a alta ocorrência de imperativo com a forma derivada do subjuntivo restrita aos grandes centros urbanos, mesmo na escrita, modalidade altamente monitorada.

Enquadramento teórico-metodológico

Partimos da assunção de que a língua possui o caráter inerentemente variável e mutável (LABOV, 2008 [1972]), e de que as variações linguísticas podem ocorrer em todo o sistema linguístico, em todos os níveis, desde o fonológico até o discursivo. Levando em consideração que os fenômenos em variação e mudança podem ser sistematizados por meio de quantificação de dados, utilizamos a metodologia da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]; TARALLO, 1985), a fim de levantar as ocorrências e contextos de realização do fenômeno em tela. Objetivamos, através da metodologia adotada, realizar a coleta de dados por meio de uma observação do contexto social no qual o falante está inserido, pois, de acordo com Labov (2008 [1972]), os aspectos sociais da comunidade podem influenciar a escolha das variantes e, por meio da análise desse contexto, é possível encontrar uma explicação para as tendências e padrões de uso dos fenômenos linguísticos.

Dentro desse arcabouço, nosso olhar volta-se para o nível morfossintático. Tendo em vista outros estudos do imperativo no PB já realizados (JESUS, 2006; SCHERRE, 2007; CARDOSO, 2009; SANTOS, 2016), foram considerados nesta análise os seguintes grupos de fatores linguísticos para a descrição dos dados do imperativo associado ao indicativo:

1. *Gradação semântica*, a fim verificar a influência dos aspectos *ordem/pedido/instrução/conselho* na variação do modo imperativo;
2. *Polaridade de estrutura*, considerando que a polaridade negativa tem influenciado a realização do modo imperativo associado ao subjuntivo e a polaridade afirmativa tem favorecido a atuação do modo imperativo associado ao indicativo;

3. *Conjugação do verbo*, buscando confirmar se a primeira conjugação aumenta a frequência do modo imperativo associado ao indicativo, já que a segunda e terceira conjugações têm favorecido o modo imperativo associado ao subjuntivo;
4. *Paralelismo discursivo*, a fim de observar em que medida a presença da forma do modo verbal na oração anterior, se subjuntivo ou indicativo, pode influenciar na frequência da forma do imperativo associado ao indicativo;
5. *Pronome usado pelo interlocutor*, a fim de observar a possibilidade de interferência do pronome utilizado pelo interlocutor na realização do imperativo derivado de indicativo, uma vez que Santos (2016) demonstra que se o informante é falante do pronome “tu” na oração, existe uma predisposição ao emprego do modo imperativo associado ao indicativo, enquanto, em relação ao uso do pronome “você”, há uma tendência ao emprego do imperativo associado ao subjuntivo;
6. *Morfologia Verbal*, com o propósito de descrever se há emprego mais frequente das formas verbais simples em relação ao modo imperativo associado ao indicativo, já que a construção perifrástica tem favorecido a realização do modo imperativo associado ao subjuntivo;
7. *Realização do vocativo*, para verificar se a presença do vocativo pode aumentar a frequência do modo imperativo associado ao indicativo, tendo em vista que desfavorece o modo imperativo associado ao subjuntivo em investigações anteriores;
8. *Tipo de discurso*, buscando descrever se discurso direto aumenta a frequência do emprego do modo imperativo associado ao indicativo, em detrimento do discurso reportado, o qual tem favorecido o modo imperativo associado ao subjuntivo;
9. *Saliência morfofonológica*, buscando observar se a menor saliência morfofonológica (menos morfemas) pode influenciar no emprego das formas associadas ao indicativo, tendo em vista que os estudos têm demonstrado que a maior saliência ou maior marcação pode aumentar o uso das formas associadas ao subjuntivo;
10. *Verbos Regulares da Primeira Conjugação com vogal precedente +- aberta*, visto que os verbos regulares dessa conjugação com vogal + aberta favorecem o emprego do modo imperativo associado ao indicativo, em oposição aos verbos regulares desta mesma conjugação com vogal – aberta, que têm condicionado o uso do modo imperativo associado ao subjuntivo. Cabe pontuar que verbos da segunda e terceira conjugação foram codificados, à princípio, em outro fator, *conjugação verbal*. No entanto, os resultados pouco relevantes levaram ao refinamento do fator, restringindo-se, em rodadas subsequentes, à oposição morfofonológica da primeira conjugação.

A seleção dessas variáveis partiu da relevância apresentada nos estudos do imperativo em variedades no PB mencionados na revisão deste trabalho.

Comunidade

Montevidinha, à margem esquerda do rio São Francisco, é uma comunidade quilombola reconhecida oficialmente pela Fundação Cultural Palmares (FCP), (Portaria da FCP nº 98/2007 e do Decreto Presidencial nº 4887/2003). Com cerca de 1.800 habitantes, está localizada no oeste do estado da Bahia, no município de Santa Maria da Vitória, a 867,6 km da capital baiana. O quilombo está no centro de quatro vilarejos, que são Cafundó dos Crioulos, Baixa da Onça, Currais e Pau Lavrado. Essas comunidades têm em comum as seguintes atividades econômicas: agricultura familiar, plantio de mandioca, cana de açúcar, feijão, milho, arroz e as tradições culturais (BELO; ORTEGA; OLIVEIRA, 2010).

Embora se verifiquem poucos registros históricos sobre as comunidades rurais quilombolas presentes no oeste baiano, no que se refere à comunidade de Montevidinha, Bello, Ortega e Câmelo de Oliveira (2010, p. 16), ao realizarem um estudo *in loco* sobre a formação da comunidade, contam que é marcada pela presença de descendentes das gerações de africanos e afrobrasileiros escravizados no território brasileiro e que se refugiaram no interior do estado durante o período colonial. Conforme relato de um bisneto de Julião de Sousa Lima, nascido em Macaúbas – Bahia e um dos primeiros a migrarem para o local atual da comunidade (por volta de 1852), a época da formação de Montevidinha era “um tempo de muita dureza, de castigos, perseguições e senzalas que ficou para trás”.

Além disso, Souza, Barros e Oliveira (2020) demonstram que, a partir dos registros orais, sobretudo dentre os mais velhos, foi possível constatar que “os primeiros negros a ocuparem o território atual vieram da região de Macaúbas, município baiano colonizado no século XVIII por portugueses, na região da Chapada Diamantina, meridional na Bahia” (SOUZA; BARROS; OLIVEIRA, 2020, p. 231-232). Além da afrodescendência, evidenciam-se na comunidade relacionamentos miscigenados e com descendentes de mães indígenas, como remonta o relato de uma informante da faixa etária III, em (7).

(7)

INF: Então minha fia é como diz, minha vó do lado de minha mãe, agora do lado de minha avó do lado do meu pai eu não conheci não.

DOC: Não né?

INF: Não, só do lado de minha mãe

DOC: Então quer dizer que ela parecia... ela tinha um cabelo bem liso é?

INF: Bem liso o cabelo de minha avó

DOC: É mesmo?

INF: Era uma cablocona, tombem minha filha esse povo

DOC: E ela... ela era da cor de pele assim de... de Élide ou da cor da senhora assim?

INF: É a... a qualidade dela era mais aberta que a minha qualidade uma cabloca mesmo, o cabelo vinha aqui e ela partia aqui na frente o cabelo caia aqui e tombem era uma cabloca, mô era lá de rio de Macaúba.

DOC: É de Macaúbas?

DOC 3: O que, que é cabloca que eu não sei?

DOC: Não sabe não?

DOC 3: Não, é o que?

DOC: Você sabe dona Hilda?

INF: O que meu bem?

DOC 3: O que é cabocla?

INF: Caboca, a caboca é cabloca índio, os índios de passaçê [passagem] (MTV- 11)

Entre os aspectos sociais, Bello, Ortega e Oliveira (2010) elencam a realização de festas de caráter religioso, esse dado também é atestado nas narrativas e foi observado durante o período de entrevistas do projeto “Falem”. Entre os eventos, são mencionadas as festas de Nossa Senhora do Rosário e do Divino Espírito Santo. Outro aspecto social importante é a relação da comunidade com os centros urbanos. De acordo com os trechos (08) e (09), a relação dos membros da comunidade é mais ativa com os centros Urbanos do estado de Goiás. Assim, Goiânia aparece nas entrevistas como um lugar de assistência médica e de emancipação social.

(8)

INF: mês que vem agora, vou lá pra goiana fazer revisão.

DOC: Mais fazer revisão de que?

INF: Resonância de cabeça, aquela vez que mãe fez, vou fazer revisão agora, mês que vem agora. (MTV-01)

(9)

INF: E aí agora, a outra que era... era quatro muié... e a Fátima, a Fátima não mora aqui, mora em Goiânia

INF: Irmãos.

DOC: E tinha mais?

INF: Tinha minha fia, mas um dos irmão tá [ni] Goiânia.

DOC: hum

INF: né Brasília... Mora lá, né Brasília o Antônio. (MTV-11)

Se, por um lado, a relação comercial com a capital Goiânia pode influenciar na realização do imperativo na comunidade de Montevidinha (8-9), por outro lado, conforme observado por Souza, Barros e Oliveira (2020), existe uma influência reduzida da sociedade urbana no cotidiano comum da comunidade. Seus membros quase sempre vivem afastados das interações cotidianas da sua sede de caráter urbano, Santa Maria da Vitória, e longe da capital baiana, o que pode corroborar a preservação da cultura e de alguns traços linguísticos da comunidade.

A amostra

O *corpus* foi extraído do banco de dados do Projeto “Os Falares Baianos do Além São Francisco (Falem/UFBA)”⁴, coordenado pela Profa. Dra. Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva, da Universidade Federal da Bahia - UFBA, em parceria com a Profa. Dra. Isis Juliana Figueiredo de Barros, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, e coautora deste artigo.

O *corpus* é constituído por entrevistas semiestruturadas, com duração mínima de 40 minutos e máxima de 50 minutos, contém 12 inquéritos e quatro de controle,⁵ distribuídos por sexo (masculino e feminino), faixa etária (faixa I - 25 a 36 anos; faixa II - 43 aos 55 anos; e faixa III - acima dos 65 anos). Além desses aspectos sociais, outros também foram controlados pelo projeto “Falem”, como: viagens para fora da comunidade (0-6 meses; acima de 6 meses), e escolaridade (não alfabetizados, semialfabetizados e alfabetizados), sendo alfabetizados exclusivamente os mais jovens. A exposição à mídia na comunidade é considerada baixa, uma vez que os moradores não têm fácil acesso à internet e à TV.

Sobre as limitações da presente pesquisa, chamamos a atenção para a baixa ocorrência de dados de imperativos na fala espontânea extraídos das entrevistas em Montevidinha, como já preveem Lamberti e Schwenter (2018), os quais mencionam que “normalmente, os dados naturais que se analisam nas pesquisas variacionistas são de entrevistas sociolinguísticas, as quais quase nunca contêm exemplos abundantes de imperativos” (LAMBERTI; SCHWENTER, 2018, p. 237). De forma geral, essas formas não são produtivas em roteiros semiestruturados ou estruturados, visto que, para captar dados desse fenômeno específico, é necessário o estímulo à produção das formas imperativas. Em razão disso, no presente artigo, optamos por dar enfoque à descrição apenas dos aspectos linguísticos, os quais foram apresentados na seção anterior.

Além disso, verificamos um padrão categórico do imperativo nos dados da comunidade de Montevidinha. Embora não sejam tradicional e extensivamente estudados na abordagem sociolinguística laboviana, fenômenos categóricos podem oferecer *insights* em direção à prática social do uso do fenômeno pelos informantes, à estratificação social, como a dialeção, e a processos de mudança motivados pelo contato entre línguas.

É importante dizer que os resultados aqui comentados acendem a indagação, cuja resposta não cabe nos limites deste artigo, acerca dos motivos extralinguísticos que podem levar a um comportamento categórico de fenômenos, conduzindo à suplantação de variantes linguísticas e instalação de quadros de mudança. Nossa análise se restringiu aos fatores linguísticos, mas reconhecemos a necessidade de estudos futuros sobre os condicionamentos sociais.

4. CAAE: 50466015.00000.5531.

5. Pela insuficiência dos dados de imperativos coletados, incluíram-se os inquéritos de controle.

O modo imperativo categórico em Montevidinha, Bahia

Nas ocorrências levantadas na comunidade de Montevidinha-BA, o modo imperativo apresentou-se como um fenômeno invariável. As ocorrências (52), de modo categórico, empregaram a variante associada ao indicativo (*canta*). Não obstante, os dados foram analisados, a fim de se identificar e descrever os contextos linguísticos de uso. Tendo isso em vista, esta subseção está organizada de forma a apresentar a descrição dos resultados da distribuição (quantidade absoluta e frequência) do fenômeno nos contextos relacionados a três dimensões linguísticas: *morfossintática*, *estrutural* e *discursiva*, além da contextualização dos resultados na dialeção do imperativo na Bahia.

Do ponto de vista morfossintático, a análise do fenômeno considerou os aspectos: conjugação verbal, vogal precedente de verbos regulares da primeira conjugação, saliência morfofonológica, e morfologia verbal (forma simples ou locucional). A escolha partiu dos contextos delineados nos estudos mais importantes sobre o tema, conforme exaustiva revisão de Scherre (2007) e Santos (2016).

Assim, no que concerne à dimensão morfológica, pode-se concluir que os contextos prevalentes para a expressão do imperativo na amostra de Montevidinha são os verbos de primeira conjugação, especialmente aqueles cuja vogal precedente é [+aberta], com saliência fônica menor, e com menor diferenciação entre as formas e as construções verbais não locucionais. Os dados seguem exemplificados na tabela 1, a seguir:

Tabela 1 – Contextos morfológicos de realização do modo indicativo na comunidade de Montevidinha

Contexto	Frequência/ total	Proporção	Exemplo
Conjugação verbal – verbos de primeira conjugação	30/52	58%	(10) Ma, <i>bota</i> lá na geladeira, na geladeira lá, é, depois <i>pega</i> . (MTV-01)
Vogal precedente [+aberta] de verbos regulares da primeira conjugação	25/32	78%	(11) <i>coloca</i> lá um pouquinho de óleo. (MTV-07) (12) <i>bota</i> no copo, aí <i>abafa</i> ela. (MTV-06)
Saliência morfofonológica – verbos menos salientes	39/52	77%	(13) <i>coloca</i> dentro quando estiver frio. (MTV-06) (14) <i>lava</i> ele, bem lavadinho. (MTV-10)
Morfologia verbal - construções não locucionais	47/52	91%	(15) Mãe, <i>faz</i> isso não, que é fei (MTV-02) (16) <i>vem</i> aqui, Ando. (MTV-07)

Fonte: Elaboração própria.

Os dados da tabela 1 confirmam um padrão observado em análises variacionistas do imperativo na Bahia (OLIVEIRA, 2017), uma vez que são indicadas correlações entre a conjugação verbal e a saliência fônica, de modo que verbos de primeira conjugação costumam ser regulares

e apresentar menos saliência fônica, favorecendo a realização da forma indicativa. De maneira inversa, os verbos de segunda e de terceira conjugação (*traz/traga, vem/venha*) são mais comuns entre os irregulares e apresentam maior saliência, favorecendo a realização da variante subjuntiva (SCHERRE, 2007; ALVES, 2010; OLIVEIRA, 2017). As variantes indicativas são favorecidas ainda pelos mesmos contextos prevalentes em nossa análise, verbos regulares da primeira conjugação com vogal precedente [+aberta] (JESUS, 2006; SCHERRE, 2007; SANTOS, 2016), forma verbal simples (SANTOS, 2016) e saliência fônica menor (SANTOS, 2016).

Do ponto de vista estrutural, as ocorrências do imperativo identificadas na amostra aconteceram principalmente em sentenças de polaridade afirmativa. Em contextos de ausência do vocativo, ocorreu o movimento inverso, conforme a tabela 2.

Tabela 2 – Contextos estruturais de realização do modo indicativo na comunidade de Montevidinha

Contexto	Frequência/ total	Proporção	Exemplo
Polaridade afirmativa	48/52	92%	(17) <i>Conta a história.</i> (MTV-04) (18) <i>Fica minha fia!</i> (MTV- 11)
Ausência do vocativo	45/52	86%	(19) <i>Vai, ando, ocê mais Ailon.</i> (MTV-07) (20) <i>“e corta as folhas de couve”</i> (MTV-06)

Fonte: Elaboração própria.

A alta frequência dos dados de imperativos em sentenças afirmativas segue a tendência no PB. Segundo estudos variacionistas, do ponto de vista da sentença, o modo imperativo associado ao indicativo é mais frequente em contextos de sentenças afirmativas, conforme discute Oliveira (2017) sobre a região Nordeste. Em relação ao contexto de realização do vocativo, na comunidade de Montevidinha-BA, as ocorrências imperativas, em sua maioria, não estavam precedidas de vocativo (86%). O resultado é contrastivo como as amostras de fala do português popular rural na Bahia (SANTOS, 2016), nas quais o imperativo associado ao indicativo mostrou-se mais sensível à presença do vocativo.

A última dimensão analisada levou em consideração o discurso, para a qual foram observados os fatores *paralelismo discursivo*, que diz respeito à ocorrência paralela de formas da mesma natureza; pronome usado pelo interlocutor (*tu* ou *você*); tipo do discurso (*direto e indireto*); e gradação semântica, fator responsável por captar a intenção do ato imperativo.

O paralelismo discursivo, amplamente presente em estudos sociolinguísticos, tem sido considerado mais como um princípio linguístico do que um fator variável (SCHERRE, 1998). Souza (2019, p. 135), em uma investigação sobre o uso variável do modo subjuntivo por falantes migrantes baianos em São Paulo, comenta que a ocorrência das formas indicativas na comunidade não apresenta diferença significativa em relação ao uso do subjuntivo, representando 48,3% (70/145) dos seus dados. Considerando que, exceto por uma única ocorrência (cf. 21), não há, em nosso estudo, ocorrências do subjuntivo, considerações sobre a atuação do paralelismo são inobserváveis.

(21)

diga sim: fazer isso. Ela *diga*: mãe faz isso não, isso é feio mãe. Ela mesmo reparar meu erro. (MTV-02)

Desse modo, descreveremos os demais contextos em que as formas imperativas foram mais frequentes e que relações podem ser estabelecidas com outros estudos sobre o tema.

No que diz respeito ao pronome empregado com o interlocutor, destaca-se que, na análise dos dados em Montevidinha, não foi encontrado o uso do pronome *tu* em contexto da realização da sentença imperativa. Sobre a realização dos pronomes de segunda pessoa do singular na comunidade, após o levantamento exaustivo, um estudo sobre o pronome de segunda pessoa realizado por Oliveira (2023) demonstra que há um uso quase categórico do pronome *você* (e suas formas variantes *ocê* e *cê*), com apenas uma ocorrência de pronome *tu* em todo *corpus* da comunidade de Montevidinha. A ocorrência é encontrada na entrevista de uma informante da faixa etária III, ao referir-se a um político da cidade de Santa Maria da Vitória que tem em alta conta, conforme (22).

(22)

Vou dizer ele, “Oh Renatinho você faz mais miô do que os oto tudo pra *tu* ganhar, Deus te ajude”. Porque quando eu casei, eu tive uma menina... duas meninas manbaça, eu tive... uma mora aqui, que é a Socorro, Maria do Secorro, e a outra Maria de Fátima, mora ne Goiâna. Ele veio me trazer aqui doze prato, uma duza, Renatinho, rapazinho novo... (MTV-11)

Em decorrência da não ocorrência de *tu* em contexto de imperativos, foram contabilizadas e seguem descritas apenas ocorrências com o pronome *você*, como (23a), ou sem o emprego do pronome de segunda pessoa (23). A distribuição das formas com e sem pronome foi praticamente equivalente, com leve prevalência das ocorrências com o emprego do pronome “*você*” (52%), 27 das 52 ocorrências.

(23)

a. aí *você pega* água para ferver. (MTV-07)

b. Ai [Ø] *pega* e corta as folhas de couve, bem miudinha, joga na gordura, depois joga o feijão, nossa! Mexe a farinha, fica delicioso. (MTV-06)

Dos fatores observados, dois contextos discursivos mostraram resultados mais relevantes, conforme Tabela 3: o discurso direto e as sentenças que emitem ordens.

Tabela 3 – Contextos discursivos de realização do modo indicativo na comunidade de Montevidinha

Contexto	Frequência/ total	Proporção	Exemplo
Gradação semântica – ordem	40/52	78%	(24) <i>vai</i> conversar mais ela, lá. (MTV-07)
Tipo de discurso – direto	31/52	60%	(25) <i>coloca</i> lá um pouquinho de óleo. (MTV-07)

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados observados nesta dimensão dialogam com as considerações acerca do imperativo na Bahia e no Nordeste. Acerca dos dados do *corpus* de Montevidinha no contexto da *gradação semântica* de ordem, há maior incidência em situações de diálogos entre pais e filhos, como pode-se observar em (24).

(24)

- a) *vem* aqui, Ando! (MTV-07)
- b) *Vai* lá brincar com ele! (MTV-07)
- c) *Vai*, Ando, ocê mais Ailon! (MTV-07)
- d) *sai* daqui, menino! (MTV-13)

Já no contexto do *discurso direto*, são sentenças emitidas pelo próprio falante em diálogos com uma terceira pessoa durante o processo entrevista. Dessa forma, os exemplos apresentados (24) explicitam essa condição e, em (25), visualizam-se outros exemplos.

(25)

- a) *vai* conversar mais ela lá (MTV-07)
- b) *Senta* aí (MTV-04)

Embora os contextos observados em nossa análise sinalizem consonância com os condicionamentos das variantes indicativas apresentados nos estudos variacionistas (SCHERRE, 1998; JESUS, 2006; SCHERRE, 2007; ALVES, 2010; SANTOS, 2016; OLIVEIRA, 2017; SOUZA, 2019), o comportamento categórico da amostra não nos permite uma comparação estrita. Além disso, os contextos supostamente mais favoráveis à realização da variante categórica do indicativo, na verdade, podem ser os fatores mais produtivos para a realização do modo imperativo ou, ainda, os mais frequentes no PB.

Sabendo das limitações do número de ocorrências e da realização categórica do imperativo associado ao indicativo, é necessário um estudo mais aprofundado acerca do fenômeno na comunidade investigada, a fim de confirmar, primeiramente, a inexistência da variação com o modo do imperativo associado ao subjuntivo, e, conseqüentemente, a relevância dos contextos

aqui descritos. Os demais contextos linguísticos investigados apresentaram uma frequência baixa no modo imperativo associado ao indicativo na comunidade de Montevidinha-BA.

A expressão do imperativo em Montevidinha frente à dialeção do português brasileiro

Os resultados encontrados em Montevidinha, embora partam de um cotejo de poucas ocorrências, revelam um comportamento peculiar em relação ao fenômeno: o uso categórico da forma associada ao indicativo. Para compreender a relevância desse resultado, contrastamos os dados de Montevidinha aos padrões encontrados no Brasil e, em especial, na Bahia, a fim de identificar eventuais similaridades ou influências de outros contextos linguísticos.

A fim de tentar desenhar um encaixamento dialetal da comunidade de Montevidinha no que diz respeito ao emprego do imperativo, cabe situar a variação em estudo na ampla cena do Estado. A Bahia, conforme os resultados levantados por Santos (2016), caracteriza-se pela ocorrência de dois padrões de emprego do modo imperativo: usos associados ao subjuntivo predominantemente na capital Salvador e em sua zona de influência; e usos associados ao indicativo característicos da zona rural, sobretudo em comunidades afro-brasileiras. As formas associadas ao subjuntivo são as mais marcadas morfológicamente, de modo que seriam menos favorecidas em situações de contato. Em contraposição, o modo imperativo associado ao indicativo é a forma não marcada morfológicamente, mais provável de se fixar em situações de acesso restrito à morfologia verbal da língua alvo, como as que caracterizam a formação das comunidades afro-brasileiras.

Os resultados de Montevidinha, em primeira análise, endossam, portanto, a caracterização das comunidades baianas mais afastadas dos centros. Assim, sobre a prevalência das formas indicativas do imperativo na comunidade, acreditamos que os falantes tenham adquirido o indicativo ainda no período colonial (MEIRA, 2009), fixando uma forma *default*, tal qual pode ter acontecido nas demais comunidades etnicamente marcadas estudadas por Santos (2016). Mas como explicar o resultado categórico?

O quadro apresentado a partir das ocorrências cotejadas não nos permite indicar as direções de uma pretérita mudança que teria suplantado as formas subjuntivas, de modo que buscamos entender a carência da variação em função da rede de relações de Montevidinha com o Estado e seu entorno.

A comunidade de Montevidinha, além de ter em sua história fundacional as marcas do contato linguístico, as quais podem ter influenciado na fixação de um padrão prevalente de indicativo, em decorrência da menor marcação morfológica, está numa localização bem peculiar e favorável ao emprego da forma indicativa. No caso específico de Montevidinha-BA, o uso das formas indicativas, hipoteticamente, pode ter se expandido e se mantido como padrão da comunidade por influência da região Centro-Oeste, mais precisamente de Goiânia, uma vez que os estudos de Scherre (2004), Scherre *et al.* (2007), Cardoso (2009) e Reis (2022)

apontam que a região Centro-Oeste apresenta uma frequência significativa no emprego do modo imperativo associado ao indicativo.

A contextualização dos dados do imperativo sugere, assim, que Montevidinha se alinha às comunidades afro-brasileiras e regiões mais rurais da Bahia no que diz respeito ao predomínio das formas menos marcadas, associadas ao indicativo. No entanto, o padrão categórico, com absoluta ausência de formas subjuntivas, pode ter sido potencializado pelas relações contíguas com Goiás, onde predomina também o emprego do indicativo. Reconhecemos, no entanto, que há a necessidade de um estudo mais apurado para a confirmação do presente estudo, com base em uma metodologia mais direcionada ao fenômeno observado. Além disso, o número de ocorrências na amostra não nos permite afirmar categoricamente que não exista imperativo associado ao subjuntivo na comunidade.

Considerações finais

A região do Oeste Baiano ainda é, do ponto de vista linguístico, objeto de poucas análises. De modo que tecer estudos sobre o imperativo ou outros fenômenos contribui para o mapeamento e ampliação de conhecimento acerca da diversidade linguística da Bahia, estado que abrange cerca de 567 km² de extensão e, previsivelmente, linguisticamente diversificado. Considerando, em particular, o estudo em tela, ainda há questões que merecem investigação, sobretudo na Bahia, em função da dialetação rural-urbana já apontada no estudo de Alves (2010), Souza (2019) e Santos (2016, 2022).

A análise de Montevidinha aqui empreendida é, portanto, um passo importante para a composição de um panorama geral do imperativo na Bahia. O cotejo dos dados revelou um comportamento ainda não identificado nos estudos, o emprego categórico de formas associadas ao indicativo. A presença de formas indicativas e a ausência de formas subjuntivas levanta um conjunto de hipóteses aqui abertas que podem nortear futuras coletas e estudos.

Por um lado, a aproximação da comunidade com a gênese histórica de comunidades afrobrasileiras (SANTOS, 2016) é sugestiva da influência do contato linguístico, uma vez que Montevidinha parece apresentar traços linguísticos similares aos que são encontrados em Helvécia, Cinzento, Sapé e Rio de Contas (SANTOS, 2016). Conforme Bello, Ortega e Câmelo de Oliveira (2010, p. 16), a formação da comunidade é caracterizada pela presença de descendentes africanos e afro-brasileiros escravizados. Assim, consideramos como primeira hipótese explicativa para o padrão da comunidade, a influência do contato na aquisição do português. Ademais, no processo de aquisição de língua, de modo geral, há maior preferência dos adquirentes pela forma *default*, menos marcada e com menos movimento sintático. Situações em que há pouca exposição a um *input* rico em morfologia, como possivelmente foram as comunidades afro-brasileiras, há essa predileção ainda mais evidente. Reconhecemos, no entanto, que essa hipótese demanda o confronto com dados mais robustos.

Sobre a ausência de formas do imperativo derivado do subjuntivo, seguimos na consideração de que esta forma está presente no interior da Bahia pela influência dos centros dialetais, como a capital do estado, por exemplo. Em outras palavras: quanto mais urbanizada e mais próxima da capital, maior a presença das variantes subjuntivas. A comunidade de Montevidinha, além de distanciar-se geograficamente do centro baiano, de predominância de subjuntivos, apresenta, também, uma distância sociocultural. As relações urbanas da comunidade são realizadas com a capital de Goiás, Goiânia, região onde o subjuntivo não é muito produtivo, reforçando-se o padrão indicativo na comunidade em estudo.

Embora não possamos argumentar em termos dos condicionamentos e tecer considerações mais profundas sobre o comportamento da variável em tela, a descrição dos resultados de pesquisa pode destacar os contextos mais produtivos para a realização do imperativo em Montevidinha, no oeste da Bahia, os quais reconhecemos que podem ser derivados de sua produtividade mais ampla na língua portuguesa.

Verifica-se que os contextos observados no *corpus* de Montevidinha foram: gradação semântica, polaridade de estrutura, conjugação do verbo, paralelismo discursivo, pronome usado pelo interlocutor, morfologia verbal, realização do vocativo, tipo de discurso, saliência morfofonológica, verbos regulares da primeira conjugação com vogal precedente +- aberta, apresentaram resultados que foram semelhantes aos condicionamentos das formas indicativas nos estudos variacionistas, com exceção para a realização do vocativo.

Referências

- ALVES, Jeferson da Silva. *O imperativo singular em histórias em quadrinhos baianas*. Periódico de divulgação científica da FALS, n. 9, p. 1-19, 2010.
- BELLO, Joelia de Moura Fogaça; ORTEGA, Luciene Soares Fróis; OLIVEIRA, Tereza Rejane Camêlo de. *A comunidade Montevidinha no contexto de reconhecimento como quilombola no Oeste Baiano (1870-2010)*. 2010. 150 f. Monografia. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2010.
- CARDOSO, Daisy Barbara Borges. *Variação e mudança no imperativo no português brasileiro: gênero e identidade*. 2009. 153 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2009.
- CARDOSO, Daisy Barbara Borges. *Variação no uso do modo imperativo: análise de dados em textos de José J. Veiga*. In: XX JORNADA – GELNE. Anais... JOÃO PESSOA-PB, p. 585-594, 2006.
- CARVALHO, Luiz Fernando de. *O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras: um estudo Sociolinguístico de cunho histórico. (Século XIX e XX)*. 2020. 202 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- CUNHA, Cintra; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 1985.

FAVARO, Gisela Sequini. *Um estudo morfológico das formas verbais do modo imperativo nas cantigas de Santa Maria*. 2016. 200 f. Tese (Doutorado em linguística e língua portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2016.

FAVARO, Gisela Sequini. *Estudo histórico do modo imperativo nas Cantigas de Santa Maria*. Entre palavras, Fortaleza, a. 3, v.3, n. esp. , p. 71-88, ago/dez. 2013. Disponível em: www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/download/169/196. Acesso em: 20 jan. 2023.

FERREIRA JÚNIOR, Moacir Natercio. *Aspectos sintáticos do imperativo no português brasileiro*. In: VII CONGRESSO INTERNACIONAL DO ABRALIN. Anais... Curitiba, 2011, p. 309-319.

FIGUEIREDO, Joana Gomes dos Santos. *Produção e percepção da expressão do modo imperativo nas cidades de Feira de Santana-BA e Campinas-SP*. 2023. 160f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

GALVES, Charlotte. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, A.; BASÍLIO, M. (org.). *Gramática do Português Falado IV*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 273-319.

JESUS, Éter Teixeira de. *O Nordeste na mídia e os estereótipos linguísticos: estudo do imperativo na novela Senhora do Destino*. 2006. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAMBERTI, Luana; SCHWENTER, Scott., A. *Testando o Papel da Referência Temporal na Forma do Imperativo em Português Brasileiro*. Revista Linguística, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, mai./ago. 2018, p. 231-258.

LUCCHESI, Dante. *Introdução*. In: Lucchesi, Dante; Baxter, Alan N.; Ribeiro, Ilza (Org.). *Português Afro-Brasileiro*. EDUFBA, 2009, p. 27-40.

MATEUS, Maria Helena. Mira. *et al. Gramática da língua portuguesa*. 5ª edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003.

MEIRA, Vívian. O emprego do modo subjuntivo. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 389-406.

OLIVEIRA Josane Moreira de. *O imperativo gramatical nas capitais do Nordeste: análise sociolinguística de dados do ALiB*. In: LOPES, N. S.; OLIVEIRA, J. M.; PARCERO, L. M.J. (org.). *Estudos sobre o português do Nordeste: língua, lugar e sociedade*. São Paulo: Blucher, 2017. p. 27-44. DOI <https://doi.org/10.5151/9788580392395-02>.

OLIVEIRA, Jaqueline S. *A variação entre os pronomes “tu” e “você” na comunidade quilombola de Montevidinha, Oeste da Bahia*. 2023. 31 f. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2023, Amargosa-BA.

PEREIRA SILVA, Vera Lúcia; SANTOS, Gilda Moreira; RIBEIRO, Tatiana de Oliveira. Variação na 2ª pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo. Gragoatá, Niterói, n. 9, 2. sem. 2000, p. 115-123.

REIS, Isabella Vilela. *O modo imperativo no português brasileiro (PB) em regiões de antigos aldeamentos indígenas do território goiano*. 2022. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

SAMPAIO, Dilcéia Almeida. *Modo imperativo: sua manifestação / expressão no português contemporâneo*. 2001. 214 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

SANTOS, Lanuza Lima. “Ôh baiana, faça de dois!”: o imperativo na Bahia, da capital ao interior. In: BARROS, Isis Juliana Figueiredo de.(org.) et al. Português baiano: de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Salvador: EDUFBA, 2022. cap. 1, p. 31-50.

SANTOS, Lanuza Lima. *Fala (você/tu) ~ Fale (você/tu): a expressão variável do modo imperativo no português popular da Bahia*. 2016. 319 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Norma e uso – o imperativo gramatical no português brasileiro*. In: DIETRICH, W.; NOLL, V. (org.). *O português do Brasil – perspectivas da pesquisa atual*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 2004. p. 231-260.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro*. Revista Alfa, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 189-222, 2007.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Daisy Bárbara Borges; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva Lunguinho; SALES, Heloísa Maria Moreira Lima. *Reflexões sobre o imperativo em Português*. DELTA, São Paulo, v. 23, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v23nspe/v23nspe10.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista*. Tabuleiro de Letras, n. 4, Salvador, p. 1-32, 2012.

SOUZA, Emerson Santos de. O uso variável do imperativo de migrantes baianos em São Paulo. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 13, n. 4., p. 1433-1464, out./dez. 2019.

SOUZA, Marcelo da Silva; BARROS, Isis Juliana Figueiredo de; OLIVEIRA, Josane Moreira. *A expressão do dativo no português rural da comunidade quilombola de Montevidinha, Oeste da Bahia*. In: FIGUEIREDO, C. GAYER, J. L. SOUZA, L. T. PINTO, C. F. (Org.). *Língua em movimento: estudos linguísticos contemporâneos*. Vol. 1. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 227-250.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].